



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

ORTOGRAFIA DO TUPI ANTIGO: ANCHIETA (1595)

Anna Klara G. I.C. Vieira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: anna_klara54@hotmail.com

Consuelo de P. G. Costa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: consuelopaiva@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Arte da Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil, escrita por José de Anchieta e publicada pela companhia de Jesus em 1595, foi a primeira gramática da língua hoje conhecida como Tupi Antigo – T.A. Pode-se destacar como cenário histórico da elaboração dessa gramática a formação dos Estados Nacionais, o que resultou na proliferação de gramáticas das línguas vernáculas, tidas como um dos principais símbolos nacionais. De fato, uma novidade, já que na época produziam-se gramáticas somente as línguas clássicas, como o Grego, o Latim e o Sânscrito. Além disso, ao levar em consideração o contexto de conquistas e colonizações territoriais em que tal gramática foi produzida, observa-se também como propulsora dessa gramática do Tupi Antigo, a necessidade de se ter o domínio da língua mais falada na costa do Brasil, para que assim, fosse possível estabelecer uma comunicação com quem nesta região viva, os indígenas.

Portanto, com a finalidade de tornar mais viáveis as conquistas territoriais e evangelizar os povos indígenas, a Companhia de Jesus dedica-se à elaboração da *Arte da Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*, como uma poderosa arma de conversão religiosa. Em decorrência disso, o Tupi Antigo chega a ser considerado pelo padre Barbosa (1596) como um “instrumento de conquistas espirituais e territoriais”.

Naquela época, na ausência de uma convenção fonéticas internacionais, como o IPA (Alfabeto Fonético Internacional), e de uma convenção ortográfica para o Tupi, os jesuítas empregaram o alfabeto romano na transcrição das pronúncias, tendo como base o som que cada grafema representava nessas diversas línguas europeias.

Tendo em vista as possíveis confusões e equívocos que a utilização desse alfabeto pode causar na interpretação das pronúncias do T.A, essa pesquisa tem como



principal objetivo observar como os

sons (consoantes e vogais) do T.A são descritos por Anchieta (1595). Partindo daí, então, pretende-se reconhecer os fones presentes nessa gramática, para que assim, seja possível descrevê-los e analisá-los com base nas convenções de notação fonética presentes no *The International Phonetic Alphabet* (IPA), elaborando, dessa maneira, um inventário fonético que possa facilitar a compreensão nos estudos.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica e a leitura da *Arte da Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil* Anchieta (1595), tendo maior enfoque nas questões de pronúncia. Partindo dessas descrições, fizemos a análise dos sons com base na classificação do *International Phonetic Alphabet*. Além disso, também contribuíram para a nossa pesquisa obras como *Kwatiã Porã* (COSTA, 2014) e *Repensando A Fonologia Do Tupi* (D'ANGELIS, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.1. Consoantes Fricativas:

Por meio da análise da *Arte da Grammatica da lingoa mais falada na costa do Brasil* foi possível observar que no Tupi Antigo há, basicamente, quatro consoantes fricativas, são elas: a fricativa alveolar surda [s], a fricativa bilabial sonora [β] e as duas fricativas pós-alveolares surda e sonora, respectivamente [ʃ, ʒ]. Nota-se, portanto, a ausência da fricativa alveolar sonora [z], apesar disso, constata-se que, neste caso, não há o vozeamento fonético intervocálico.

Assim, a respeito da bilabial sonora [β], Anchieta (1595) afirma: “V. consoante não se acha conforme â comum, & melhor pronúnciação salvo nos que mudão, o, b. em v. como os galegos, vt pro abâ, dizendo avâ.” (Anchieta, 1595, p. 30). Por conseguinte, esta consoante é grafada ora por ‘b’ ora por ‘v’, porém, é preciso ressaltar que ela realiza-se apenas em determinadas posições intervocálicas, já que, em algumas delas o fonema /b/ poderá se realizar como [mb], ou em posição final como [b], como será visto mais adiante. Ademais, referente à pós-alveolar surda observa-se que a sua realização somente ocorre diante das vogais /i/ e /e/. **Exemplos:** [β]: *Abá – homem* ; [s]: *Açô - eu vou* ; [ʃ]: *Xe-pó - minha mão* ; [ʒ]: *Aiuka – eu mato*



1.2. Oclusivas

As consoantes oclusivas no Tupi Antigo caracterizam-se, sobretudo, por serem, na sua maioria, surdas, uma vez que as suas contrapartes sonoras apresentam-se por meio de uma série de oclusivas pré-nasalizadas, as quais serão expostas a seguir. Deste modo, configuram-se como oclusivas do T.A as seguintes consoantes: as oclusivas bilabiais surda e sonora respectivamente [p, b], sendo que ambos em posição inicial e, por vezes em posição média, se realizará como [mb]; a oclusiva alveolar surda [t], a oclusiva velar surda [k] e a sua contraparte sonora que, por sua vez, só se realizará pré-nasalizada ou como o segmento complexo labializado [gw].

Destaca-se, também, a presença da oclusiva glotal [ʔ], que, por se tratar de uma consoante um tanto quanto ‘exótica’, no sentido de não ser comum nas línguas românicas, passa despercebida pelo padre José de Anchieta que acaba não a relatando. No entanto, mesmo sendo conhecida como “não som”, devido a interrupção da voz realizada na glote, ou seja, a oclusão glotal, e ocorrer a ausência total de informação sonora, esta consoante apresenta-se muito produtiva na língua, pois não há restrições de contexto, de nasalidade ou mesmo outras restrições fonotáticas. **Exemplos:** [p]: *Xepó – minha mão*; [b]: *Kwaab – sabedoria, saber*; [t]: *Ti – nariz*; [k]: *Ôca – casa*; [gw]: *Jaguapô – pata de cachorro*; [ʔ]: *ka’a - mato*

1.3. Consoantes plenamente Nasais e Oclusivas pré-nasalizadas

São consoantes plenamente nasais no T.A: a nasal bilabial [m], a nasal alveolar [n] e a nasal palatal [ɲ]. No entanto, como já mencionamos, há também consoantes oclusivas que passam pelo processo de nasalização ou espalhamento nasal conforme (Cf. COSTA, 2014, p.33). Esse é o caso do [b], [d] e [g] que, na maioria das ocorrências, realizam-se, respectivamente, como [mb], [nd] e [ɲg]. Há, também, alguns casos em que a oclusiva bilabial sonora [p] ocorre como [mb], como em: *pá* (todos) *omanó* (morrem) – *omanômbâ* (todos morrem) Cf. ANCHIETA (1595).

Desse modo, [p] e [b] em posição intervocálica em fronteira de morfemas, ou em posição inicial, se realizarão como [mb]. Caso parecido ocorre com o [d], que em onset silábico realizara-se como [nd]. O [ɲg], por sua vez, nunca aparecerá no início de palavras, porém sempre em posições intervocálicas ou em finais de palavras, sendo que



jamais haverá a ocorrência do fone [g], no Tupi Antigo Cf. D'ANGELIS (2010).

Exemplos:

[mb]: *Mbaêtatâ – coisa que coloca fogo*; [m]: *Omanó – morrem*; [nd]: *Pindâ – anzol*;
[n]: *Nupã – bater*; [ɲ]: *Nhe'eng – falar*; [ŋg]: *Âmoingô – deixar, fazer ficar*.

1.4. Vibrantes

A respeito das vibrantes, no T.A. há apenas o [r] – a consoante vibrante alveolar simples (ou tepe). Apesar de compor uma tímida série de vibrantes, tal consoantes é bastante produtiva, tanto posicionalmente quanto combinatoriamente. Desde modo, no T.A., como também em outras línguas do mesmo tronco linguístico faladas atualmente (como a variedade Nhandewa-Guarani, falada em São Paulo e no norte do Paraná) o tepe encontra-se tanto no início como no meio das palavras, ao contrário do que ocorre no português (COSTA, 2014), exemplo: *roý – frio* [rɔ'í]. **Exemplo:** [r]: *Roý – frio*

2. Aproximantes

Fica, também, evidente a presença de aproximantes no T.A: [j], [w] e [ɥ]. É possível observar que quando o 'i' atuar como partícula relativa – este, esta, isto – sempre será a vogal [i], no entanto, em casos em que o 'i' estiver acompanhado de outra vogal – a, o, u – e não for relativo, este se realizará como [j].

Referenciando ao [w], Anchieta afirma que: “[...] Nota que nestes [verbos] acabados em, v. precedente vogal se interpõem, g. & he melhor pronunção, & mais fácil, vt guabo, guara, guaba, [...]” (ANCHIETA, 1595, p.30). Evidencia-se, portanto, que o [w] se realizará sempre que estiver acompanhado de [g] – [gw], como também em casos, como relata Anchieta (1595) e também explana D'Angelis (2010), em que, um determinado verbo terminado em [u] recebe de sufixo iniciado por uma outra vogal, o que tornará [u] em [w]. Desse modo, o verbo *mombeú* (declarar), quando recebe o sufixo 'ábo', que marca o gerúndio, realiza-se como *mombeguábo* (declarando).

Além disso, D'Angelis (2010) também relata a existência de uma terceira aproximante, seria a aproximante velar [ɥ], a qual, segundo o autor, estaria presente na transição da vogal central alta não-arredondada para uma outra vogal, caracterizando, dessa maneira, uma glide. Isso fica claro no seguinte exemplo: 'y' – aqui corresponde à



vogal central alta não-arredondada [i]

– que significa ‘rio’ + atã (direito) = ygatã (rio direito). Assim, certamente, por não ter conhecimento desse fenômeno, Anchieta (1595) acaba por utilizar o [g] – por ter o mesmo ponto de articulação (velar) e ser, relativamente, semelhante ao [ɥ] – para destacar essa transição entre a vogal [i] e a aproximante [ɥ]. **Exemplos:** [j]: *Jára – senhor*; [w]: *Jaguara – onça*; [ɥ]: *Ygatã – rio direito*.

3. Vogais: [i, i̇, ɨ, a, ɤ, u]

A respeito das vogais no Tupi Antigo, Anchieta observa que não há grandes distinções entre elas e aquelas encontradas no português, exceto pelo que ele chama de *i áspero*. Esse *i* é considerado pelo autor como difícil de se pronunciar (tanto que, por vezes, é interpretado como uma aproximante) e como um som peculiar, pelo fato de não ocorrer em línguas europeias. Ademais, por apresentar semelhanças entre o [i] e o [u] e até mesmo com a consoante [g] – devido ao seu ponto de articulação posterior –, pode ser grafado como y, u, i, e, g, mantendo sempre o mesmo som. Desse modo, esta vogal pode ser caracterizada foneticamente como: vogal central alta não arredondada - [i̇], a qual possui um valor fonológico distintivo, uma vez que, há distinção na significação entre as palavras: a-jo-pí *eu o pico* e a-jo-py *eu o toco* (tocar flauta, trombeta).

Além disso, vale ressaltar que todas essas vogais possuem uma contraparte nasal, ou seja, o Tupi Antigo é uma língua que apresenta vogais intrinsecamente nasais. **Exemplos:** [i̇]: *Itâ – pedra*; [ɨ̇]: *Moinghé – fazer entrar*; [ȧ]: *aba – homem*; [u̇]: *Kururu – sapo*; [ɤ̇]: *Ko’ema – manhã*; [i̇]: *A-jo-py – eu o toco*.

CONCLUSÕES

Levando em consideração o exposto, observa-se que, por dispor de poucos recursos e, por isso, lançar mão do alfabeto romano adaptado para descrições fonéticas, o padre José de Anchieta realiza um trabalho muito consistente, que constitui um importante aparato para os estudos do Tupi. Esta pesquisa, partindo das considerações realizadas por Anchieta a mais de quatrocentos anos, analisa e descreve foneticamente os sons do Tupi Antigo, contribuindo como ferramenta indispensável para os atuais estudos gramaticais e fonético-fonológicos da língua mais usada na costa do Brasil.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

PALAVRAS-CHAVE: Tupi Antigo; Língua Indígena; Ortografia.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Pe. José de. **Arte de Gramática da língua mais falada na costa do Brasil**. Ed. Fac-similar à 1595. São Paulo: Loyola, 1990.

COSTA. Consuelo de Paiva G. *Kwatiá Porã: a escrita dos Nhandewa-Guarani*. Edições UESB. Bahia, 2014.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Repensando A Fonologia Do Tupi Na Clássica Descrição De Anchieta**. Campinas: Unicamp/edição do autor, 2010.